

Antonio Candido



O recente livro d'Antonio Candido, DISCURSOS E CONFERENCIAS, marca na prosa portugueza um periodo d'evolução artistica, calmo e profundo, e conjuntamente autobiographa o espirito illustre que o pensou.

Atravez das suas paginas, batem azas todos os alevantados ideaes das almas puras, thuriferados por mãos sem macula, que já tanta vêz se negaram a abençoar falsos prophetas e falsos crentes.

«Com uma antipathia dolorosa, invencivel, pela *habilidade*, quando ella não serve um alto pensamento de qualquer ordem, sinto-me atormentado se não vejo claramente a origem, o processo e o fim das cousas a que tenho de prender a minha responsabilidade individual.»

Eis n'este periodo a profissão de fé do homem justo. Nenhum como Antonio Candido, mais nobremente a tem sabido cumprir e observar.

Os pandegos vão-se!

Com a morte de D. Manoel Santa Iria, finda de todo a geração de *viveurs* que nos ultimos quarenta annos deram por Lisboa a batalha da pandega contra o tédio, e para quem a vida foi uma especie de meada, tensa n'uma dobadoura que teve por supportes, o amor, o jogo e a meza, e que elles iam desdobando alegremente, de chapéu para a nuca, charuto acceso, e riso distraído.

Não lhes posso dizer até que ponto a ingerencia d'estes bons cavalleiros da madrugada podesse influir na civilisação da nossa capital, nem por agora sinto empenho algum em averiguar qual haja prejudicado mais o futuro do mundo, se um homem d'alcova, se um homem d'encyclopedia, sabido como das locubrações dos dois tem sahido para a humanidade, porção egual de beneficios e de catastrophes.

A personalidade pois, dos condes e dos marquezes de hoje, diverge bem, perante a critica, da d'esses ideaes estouvados d'outros tempos, cuja bella inconsequencia lhes romantizava as aventuras, e que depois de haverem coberto de pedrarias os seios de trinta amantes, depois de haverem queimado legoas e legoas de quintas nos lumes dos lustres de trinta bailes, desciam alegremente aos saguões da miseria, com o mesmo sorriso, a mesma galhardia, a mesma *nonchalance*, generosos ainda, grandes senhores, e incapazes por educação e por indole, de malquerer os cónvivas que, chegada a hora da ruina, lhes voltavam as costas como a pelitrapos.



Este D. Manoel tinha, no ponto de vista do gozo mundanal, a grande escola. Não sendo rico, sempre conseguiu gastar folgadoamente o necessario com que assegurar o seu *rang*, na confraria dos nocturnos, para quem só começava o dia quando toda a outra gente ia p'ra cama.

Desembarcára por acaso, como tantos outros, nas praias do Mindello, bravura que lhe ficou para refugio da velhice, e que elle tinha por habito invocar, todas as vezes que perdia ao jogo, ceava mal, ou recebia na Antonia, alguma respostada andalusa, pouco fina.

—E para uma d'estas, desembarquei no Mindello! dizia elle.

D'uma ingenuidade infantil, um pouco bronca, hillariava os circulos d'intimos com as suas ignorancias credulas de recruta, que a fidalguia nativa lhe não deixava entretanto resvalar á plena parvoíce, pelo tempero d'orgulhoso desde que n'ellas punha.

O que se deve é dizer apenas, que todas as corporações carecem, para medrar, de disciplina partidaria, e necessitam, alem do apoio de *leaders* que lhes evangelisem as doutrinas, chefes de pulso, chefes prestigiosos, cujo passado e cujo nome sejam por si sós uma bandeira. E' o que vae faltando entre nós dia p'ra dia, homens de commando, grandes capitães d'iniciativa fulgurante. . . Já não quero fallar das carnoiradas politicas, onde, mercê de todos quererem ser chefes, lavra a anarchia em toda a linha. Nas proprias sociedades d'ociosos e predularios, tão brillantes outr'ora em Portugal, se é presumivel que os soldados mantenham ainda a valente tradição dos velhos tempos, quasi se pôde affirmar que esses grupos de *noce* perderam já muito do seu antigo brilho, não tendo a governal-os mais, alguns d'esses desperdiçadores no genero Farrobo e Penafiel, verdadeiras forças descentralisadoras do ouro, com que o acaso dá de quando em quando satisfação aos pobres, desforçando-os de certas injustiças flagrantes da fortuna.

A historia das elegancias portuguezas do ultimo terço do presente seculo, não vae deixar decididamente o menor rastro de galanteria pessoal, nem tam pouco fornecer á arte, um motivo sequer de suggestão. Sem duvida ha casos frustes de bom gosto ainda, tentativas de grande estylo na sciencia de deitar pelas janelas uma grande fortuna: mas nada d'isto já tende, como em 1840 por exemplo, a uma noção d'*ensemble*, nem fornecerá jámais á psychologia do luxo, o caso d'um temperamento grandiosa e francamente predulario. O que torna odiosos os *magníficos* d'agora, é este séstro maldicto d'elles forrarem as suas festas, de calculo, e não se annunciar um grande baile, uma *matinée* de luxo, uma primeira communhão, com pessoas reaes e kermesse a beneficio dos pobres, sem que os prazeres constantes d'estas bellas loucuras não sirvam de chamariz a algum manejo financeiro, destinado a duplicar os capitães de quem nas dá.

As cercanias peccantes do Chiado estão cheias ainda agora d'anecdotas, d'onde o seu typo salta, como o d'um velho Montpavon inflammatorio, elegante e gentil para as mulheres, descuidoso da moral, sceptico da politica, e com um desprezo feróz pelas funcções d'outras visceras que não fossem as do prazer physico, e pela prosperidade d'outras companhias se não fossem de cantoras, de janotas ou de cavallinhos. Nunca conseguiu aprender o nome d'um ministro, ou pronunciar naturalmente o nome d'um recente fidalgo. O sr. Hintze Ribeiro foi sempre para elle — *um tal Isso, da ilha*. Chamava aos garotos dos jornaes — *os jornalistas*; e aos redactores de papeis — *os gazeteiros*.

E a sua noção de vida cifrou-a elle uma vez, na resposta dada a quem lhe perguntava o que era felicidade.

— A felicidade é ganhar ao baccarat duzentas libras, saber njoelhar a tempo aos pés d'uma *chaise-longue* onde esteja deitada uma boa rapariga, acordar de manhã sem a bocca amarga, fazer em seguida um excellenté almoço, sentar-se depois a gente

n'uma excellente latrina, a lêr papéis, fumando um excellente charuto, e fazendo uma excellente...

Pelo menos, foi o que elle sempre fez—para as tristezas, p'ro mundo... — e assim lá conseguiu dobrar os oitenta annos.



IRKAN.

Marianno Pina deu, como escriptor, uma nova revelação de talento, muito para vêr—qual a do pamphletario republicano, que começa no *ESPECTRO* a esfolar os magnates da politica, com uma tranquillidade de magarêfe sceptico e adestrado. O primeiro numero do seu jornalsinho poreja de todas as juvenis impaciencias d'um arrazador de thronos, já temível, e n'elle, Marianno Pina promette crucificar, em successivos fasciculos, todas as miserias sociaes da vida portugueza. Crucifique, crucifique!—Mas ao lançar de lado a politica, desvie-se um pouco, o valente carrasco—que d'essas feridas abertas não jorra mais sangue, escorre pus.

O ESPECTRO CASTIGO SEMANAL DA POLITICA POR MARIANO PINA

«Imaginar que o systema monarchico-constitucional, que desde o reinado de D. Maria II rege a nação portugueza, é um systema perfeito, infallível, *definitivo*, sob o ponto de vista da Justiça e da Liberdade, sem necessitar toques e retoques, conservando-se indefinidamente no *status quo* — é um absurdo, é um erro, é mais do que um erro... é um perigo, tanto para o systema em si, como para a nação que o soffre.

De nossos dias, os *pares electivos* e a representação das *minorias*, *innovações liberaes* que ninguem ousaria sonhar em 1826, são a prova de que o systema tem fatalmente de se modificar, de se transformar — de *progredir*.

Estas modificações nunca foram feitas, nem nunca se fazem, nem por vontade e livre arbitrio do Rei, nem dos governos.

Fazem-se por imposição da Nação. E o Rei e os governos submettem-se á vontade do Povo.

É talvez duro de ouvir — mas é a verdade!

Uma Constituição é como um casaco que o Povo diz ao real Algibebe que faça mais justo, mais largo, mais curto ou mais comprido, de fazenda azul e branca ou de fazenda encarnada, conforme o Povo acha mais ao seu gosto — porque é o Povo quem paga!

Já alguém viu algum alfaiate impôr ao freguez um casaco que o freguez não pôde vestir, ou por apertado, ou por muito largo?...

Assim é com as Constituições.»

(Do *Espectro*, pag. 9.)

Questão de coherencia

Entre tanto servo estulto
Que Deus poz ao meu serviço,
Destacou-se um — nobre vulto! —
Destemido, honrado e culto,
Valor n'alma — e no toitio.

Co' a mais valente afoiteza
Praticara acções galhardas,
E era espada sempre teza
P'ra tomar minha defeza
— Se eu me via em calças pardas.

Se alguém me fizesse a affronta
D'um piparote, um belisco,
Tinha n'elle espada prompta
P'ra a guerra, por minha conta,
— E em que elle corria o risco.

Emquanto eu gozava os beijos
D'uma vida *né raleres*,
Elle andava, aos meus desejos,
P'los sertões mais sertanejos,
Sem conforto — e sem mulheres...

Eu, de v'ção — quando o lagado
Até queima os pés aos frangos —
Tinha as sombras do arvoredo,
Os colchões do Figueiredo
E os sorvetes de morangos.

Elle, na ardencia do matto,
Nunca bradou: — *recalcitro!*
E tinha colchões de cacto,
— E nem sombra de regato
Que lhe desse um decilitro!

Emquanto eu gosava a cama
Ou jardinava na rua,
— Lá por fora, ardendo em chama,
Elle exaltava-me a fama
Aos carrapitos da lua!

Um dia, disse-me ufano,
Um qualquer dos meus magnates,
Que *elle* vinha a todo pano,
Sobre as aguas do Oceano,
De regresso aos seus penates.

Mer'cêra festa de estado
O heroe coberto de loiros...
Fôra um dever ir esp'al-o,
Tomar-lhe as mãos, abraçal-o...
Mas não fui — e fui p'ra os toiros.

Depois, pensei n'um rompante:
— Quero pagar-lhe... mas, como?...
P'ra amigo assim, tão prestante,
Deve ser mais que bastante
Fazer d'elle... o meu mordomo.

Assim fiz; mas, francamente,
Tenho pensado depois:
Por toiros tão diligente,
Não seria mais coherente
Fazer mordomo um dos bois?

PAN-TARANTULA.

A partilha d'Africa



JOHN BULL. — Que fizeram estes allemães das minhas bandeiras? Ah! se elles fossem fracos como Portugal!... Onde ir espantal-as, agora, com toda a Africa já occupada?

(Do jornal allemão KLADDERADATSCHE)

Os caricaturistas inglezes chamam aos allemães usurpadores dos terrenos d'Africa, que dizem pertencer à Gran-Bretanha; e pintam-nos prestes a cair sobre os negros, com todas as garras da sua aguija imperial. Os caricaturistas allemães, por seu lado, apodam a Inglaterra de ladra, d'usuraria, de tyranna dos pequenos povos, e *tutti quanti*, e vão-na desenhando (como pódem vêr) a seguir com olhos cubicosos, a marcha *civilisadora e humanitaria* da expansiva Allemanha, proximo do Nyassa, pelo interior além de Zanzibar.

Ora quando estas duas aventureiras se chamam entre si estas gracinhas, que epithetos daremos nós a ambas, nós os verdadeiramente espoliados?...

Ah sucia!... E' fartar!



ON THE SWOOP!

Prestes a descer para empolgar a presa.

(Do jornal inglez PUNCH)

DIZ A CALDEIRA Á CERTA.....

A POSSE DO CONVENTO

(Do Tempo)

Capitulo XII

(De como o joven Marcellino e o audacioso cavalleiro de Franco disputaram a posse do convento).

E' o convento edificado em um ponto elevado da serra, e em terreno agreste e bravo, mais parecendo refugio de malfetores do que habitação d'aquelles, que, desilludidos do mundo, vão procurar na clausura o silencio para a meditação e para a penitencia.

De um atalho pedregoso que segue no sopé da encosta, enxerga-se a parte do convento que deita para o sul. E' toda de cantaria, sem relevos e ornatos architectonicos, que denunciam ostentação e riqueza, mas de fabrica humilde, com janellas estreitas e as paredes já denegridas das violencias e injurias dos invernos, que n'aquellas paragens são duradoiros e desabridos. A cerca é bem provida de arvores de fructa, e de horta rica em legumes, uns mais do consumo ordinario, como couves, repouhos e alfaces, outros de estimação e regalo dos olhos, como pepinos, nabos e cebolinho. A agua de bica e de rega corre all abundante e crystalina, e alimenta a frescura das terras, sendo ainda aproveitada para lavagens de roupas e materias de cosinha.



Morrera o ultimo frade, D. Theodosio da Divina Graça, e logo os poderes do estado lançaram mão do convento, ficando elle, por dilatado tempo, como que abandonado dos homens e só entregue ás aves agoirentas, que n'elle fabricavam seus ninhos.



Os viadantes, que jórna-deavam durante a noite, fugiam sempre de seguir junto do convento, pois que na imaginação dos povos corria a lenda de que a alma de um arcebispo, que fôra d'aquella congregação, e que estava com Deus Nosso Senhor, ali penava; e ainda de dia poucos se aventuravam com aquella solidão e tristeza.

Ora corre como certo que em uma noite de maio, volvidos muitos annos, depois de haver expirado D. Theodosio da Divina Graça, dois cavalleiros disputaram a posse do convento, para nas suas ruinas esconderem uma donzella esumada, que haviam arrebatado da casa paterna. Eram D. Marcellino, raptor de Dona Instrucção, e o audacioso cavalleiro Franco, raptor de outra donzella, por nome Dona Irmandade.

Sucedeu que á mesma hora e no mesmo ponto os dois cavalleiros comparecessem, ambos acompanhados das respectivas donzellas, e defendendo-as com equal denodo e valentia.

Tinham corrido ao logar, sem que um soubesse do outro; e por uma estrada, que all segue, um pegureiro viá passar D. Marcellino, montado n'um cavallo negro, levando a donzella presa nos braços e dizendo:



*Eu quero fugir contigo,
Levar-te nas curvas ancas
Do meu cavallo andaluz...
E a lua dirá consigo:
A' danna das vestes brancas
Um cavalleiro a seduz!*

Passado algum tempo, em ginete semelhante ao outro e com donzella também presa nos braços, correrá o cavalleiro Franco, que ia dizendo:



*Meu peito junto ao teu braço,
Meu braço junto ao teu seio,
Teu rosto junto ao meu rosto,
Iremos correndo o espaço
N'aquelle magico anceio
Dos dois amantes d'Ariosto!*

Quando succedeu chegarem ao sopé do monte, apearam dos cavallos, e defrontaram-se os cavalleiros. Ambos elles estavam abroquelados em armaduras escameadas, com capacete de viseira erguida, por isso que ambos contavam mais de cinco gerações de nobreza, com refulgente couraça e loriga, joelheira, boldrié, escudo e lança.

Ao enxergar D. Marcellino o cavalleiro Franco, perguntou-lhe:

— Quem sois e a que vos aventuras ?



— O mesmo vos pergunto eu, e hófé! que me responderéis.

E os dois de lança em riste se aproximaram.

Ouviam-se a distancia os soluços das duas donzellas, que tremiam de pavor, qual d'ellas mais confiada na força do seu amante.



— Dizei-me o que quereis—intimou D. Marcellino com voz cava e profunda, arrancada das cavernas do peito.

— Cavalleiro sou; e se nos vossos avós houve brigas com os de Franco, sabereis quantas mortes fez esta lança que ora empunho.

O joven Marcellino, sopesando a sua, sorriu-se, e disse:

— Não me aterram aventuras, nem os revezes de meus antepassados. Se os cavalleiros de Franco pe-

lejaram com os de Marcellino, victorias e derrotas se contam nas duas familias.

E trocadas estas palavras, que mais pareciam para reptar que para conciliar, os dois cavalleiros quedaron-se silenciosos, fitando-se com destemido e valeroso arreganho.

Foi n'este lance que as duas donzellas, até então affastadas, se approximaram com a timidez e tregeitos de delicadeza a que é attreito o sexo feminino.



Rompeu o silencio D. Instrucção, de seu natural mais audaz, dizendo:

— Com o meu cavalleiro aqui venho para me recolher nas ruinas d'aquelle mosteiro; e vós direis, senhora, a que vindes com o vosso.

D. Irmandade, levando a mão áquelle sitio do peito onde os phisicos dizem que palpita o coração, respondeu.

— Com o mesmo intuito aqui me dirijo.

E os dois cavalleiros, sempre mudos, fitavam-se com arreganho; porém D. Marcellino coçava a nuca, enquanto o cavalleiro Franco coçava o nariz.



As duas donzellas, como que entendidas em lances d'aquelles, sorriam-se uma para a outra, e em voz baixa concertaram evitar a lucta eminente dos cavalleiros.

Na madrugada seguinte, o joven D. Marcellino, o cavalleiro Franco e as duas donzellas, já sem as esquivanças da vespera, foram surprehendidos teiando n'um gabinete particular do restaurant Silva, e muito familiares no trato, como se fôra sonho as arremetidas passadas.



Quem quer ser ministro da guerra?



O lugar está vago, o manequim está prompto. Só falta aparafusar-lhe agora uma cabeça. Com as veleidades guerreiras que o throno mostra, e com as cifras gordas de que está atulhado, para aptrexos de guerra, o orçamento, suppliquemos a Deus que a cabeça escolhida para o manequim, seja de burro. Ou de contrario temos bancarrota!